



MULHERES, SABERES TRADICIONAIS E AGROECOLOGIA EM TELA: UMA BREVE ANÁLISE DE VÍDEOS COMO EXPRESSÃO DE RESISTÊNCIA E VISIBILIDADE

Michel Pegoraro Simão

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista do CAPES

Liria Ângela Andrioli

Professora do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
liria.andrioli@uffs.edu.br

1. Introdução

A agroecologia, segundo Brauner e Gomes (2020), pode ser entendida como um movimento social, disciplina científica que estabelece relações com sujeitos que participam ativamente da gestão produtiva da terra com enfoque em um desenvolvimento sustentável. Adicionalmente, Caporal e Costabeber (2004), apresentam a agroecologia como uma ciência, onde o ponto central é a transição para um modelo agroecológico. Esse processo também se constitui no campo social, por depender dos sujeitos e a mudança para a agroecologia não se caracteriza apenas como uma maior racionalização das relações economia-produção mas, também, como uma mudança nas atitudes e valores dos sujeitos que fazem parte das relações de conservação e manejo referente aos recursos naturais.

Dessa forma, as mulheres são as principais responsáveis pela construção de conhecimento que passam às futuras gerações, uma vez que desempenham um papel central na criação e educação dos filhos e filhas. Seu papel vai mais além, ou seja, as mulheres constroem novas formas de aprender e ensinar, inovando por meio do diálogo constante entre si (Kempf, 2022).

Entretanto, seja em um contexto agroecológico ou não, as mulheres, muitas vezes, estão em um lugar de subordinação, onde o homem tem o poder de decisões, pois suas atividades são consideradas “produtivas” por gerarem renda e as mulheres comumente desempenham as atividades “reprodutivas” que são as atividades geradas dentro do espaço privado (Siliprandi, 2015).

Nesse viés, a problemática que orienta esse trabalho é analisar quais são os saberes tradicionais e como esses são representados em vídeos que tem as mulheres como protagonistas. Por saberes tradicionais se compreende aqueles que se materializam no

geração, seja por meio da produção de alimentos, de ervas medicinais, no manejo com os animais, no benzimento, etc. Um saber compartilhado que se mantém vivo nas memórias, nas trocas e práticas das mulheres. Essa reflexão faz parte de uma pesquisa em andamento do Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da UFFS, Campus Laranjeiras do Sul/PR.

2. Metodologia

A pesquisa é qualitativa, de natureza exploratória, e usa o método de estudo de caso, onde o foco é na análise de conteúdos audiovisuais que se encontram presentes na plataforma Youtube. O *corpus* da pesquisa foi composto por nove vídeos com os seguintes critérios de inclusão: relevância para o tema pesquisado; ranqueamento nas primeiras páginas da busca do Youtube; publicados entre 2023 e 2025 (esse espaço se justifica pela necessidade de busca de dados mais recentes acerca do tema); com 1 a 5 minutos de duração; vídeos publicados por coletivos, movimento sociais, universidades ou lideranças do campo; que apresentassem “mulheres”, “saberes”, “tradicionais/tradicional”, “agroecologia”, “camponesas” no título do vídeo. Logo após a utilização desses critérios, os vídeos selecionados foram encontrados no canal do Youtube “Movimento das Mulheres Camponesas” onde os vídeos escolhidos se encontram em uma lista de reprodução composta por nove vídeos intitulados “Camponesas Semeando Saberes”. Os vídeos foram acessados entre os dias 03 de Julho de 2025 e 23 de julho de 2025.

A seguir, na Figura 1, a lista de reprodução escolhida para a análise:

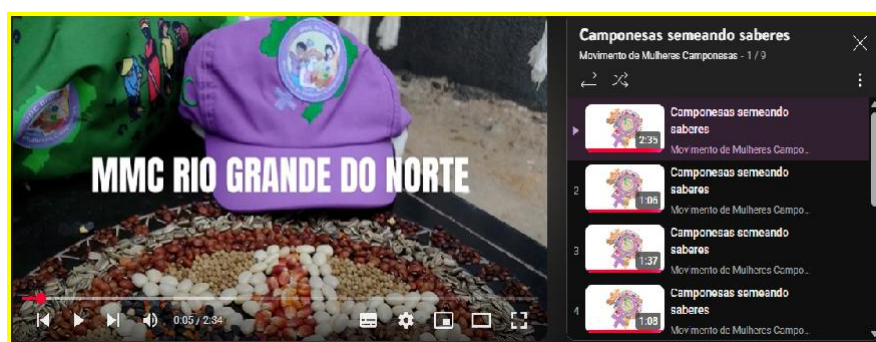


Figura 1: Movimento das Mulheres Camponesas, 2023.

Fonte: Acervo dos autores.

Os vídeos selecionados foram analisados de acordo com os princípios da análise de conteúdo temática que segundo Carlomagno e Rocha (2016, p.175) “se



destina a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, reduzindo suas características a elementos-chaves, de modo que sejam comparáveis a uma série de outros elementos”. A

escolha do Youtube como fonte de pesquisa se justifica por sua relevância como uma ferramenta que pode ser utilizada para a circulação de discursos e pelo fácil acesso do público ao material audiovisual.

3. Resultados e discussão

Os vídeos selecionados fazem parte do canal “Movimento das Mulheres Camponesas”. Essa organização está presente no Brasil desde 1980, porém a sigla MMC começou a ser utilizada somente em 2004 (Paulilo, 2016). Sendo uma organização de âmbito nacional, os vídeos aqui analisados são do Movimento de Mulheres Camponesas do Rio Grande do Norte.

Em sua grande maioria são narrados pelas mulheres que fazem parte do movimento, trazendo a voz ativa e o protagonismo feminino nas reuniões, evidenciado pelo cântico em uma das místicas “eu sozinha ando bem, mas com você eu ando melhor” (Movimento das Mulheres Camponesas, 2023). Segundo Gohn (2007, p. 45) “movimentos organizados segundo a temática do gênero, as mulheres destacam-se por serem as que têm tido os maiores índices de participação e de organização de suas demandas”.

Os saberes tradicionais são representados nos vídeos na ótica da troca e resgate de sementes crioulas de plantas e do uso e troca de saberes acerca das plantas medicinais. Kempf (2022) mostra que as trocas de sementes entre as mulheres, além de garantir a preservação das espécies, torna os laços das comunidades mais fortes. Isso fica claro em uma das falas das agricultoras sobre a importância das sementes crioulas “é importante a gente preservar para poder plantar (...) e assim a gente consegue ter alimento saudável e compartilhar com o vizinho” (Movimento das Mulheres Camponesas). Santos e Silva (2020) explicam que essa prática de guardar sementes, na atualidade, é um mecanismo de resistência contra o capital nos espaços rurais.

Nos vídeos analisados é possível observar em dois momentos a importância das plantas medicinais para as mulheres camponesas: o primeiro seria nos espaços comunitários que as mesmas realizam as suas reuniões e o segundo é quando as



mulheres apresentam as suas plantas em seus quintais. Ambos os espaços servem para a disseminação dos saberes populares acerca das plantas e seus usos. Segundo Marques *et al.* (2015 p. 7) o uso de plantas medicinais “no qual, conhecer as plantas e saber usá-las é motivo de orgulho e de auto valorização, ou seja, é um fator que contribui, sobremaneira, para o crescimento da autoestima” exemplificado em uma das falas das mulheres camponesas “eu adoro minhas prantinhas, tenho o maior cuidado (...) se eu pudesse, eu morava dentro de um jardim cheio de planta” (Movimento das Mulheres Camponesas, 2023).

Outro ponto que chama atenção nos vídeos é grande diversidade de plantas que as mulheres camponesas têm nas suas residências, como: mentruz, arruda, malva, capim santo, hortelã da folha miuda, babosa, gengibre, Santa Maria, hortelã pimenta, romã, limão entre outras. Essa diversidade de acordo com Marques *et al.* (2015) se justifica pelo uso das plantas, a chamada “farmacinha” onde são produzidos de acordo com a criatividade e conhecimento das mulheres camponesas os mais variados produtos: xaropes, cremes, pastas, pomadas, sabonetes, entre outros.

Ainda, apontamos a importância da internet na vida das mulheres camponesas, evidenciada nos vídeos. De acordo com Conceição e Schneider (2019) o uso da internet pelas mulheres no espaço rural tem um papel de empoderamento feminino acerca do uso de novas tecnologias. Essa afirmação fica clara através das inúmeras falas das mulheres camponesas presentes no decorrer do vídeo: “foi muito bom, eu assistia as reuniões tudinho que as meninas passavam (...) assisto as minhas novelas também (...) mando bom dia, boa noite também as vezes” “não serve só pra assistir (...) serve também pra quem estuda, pra procurar trabalho na internet” “eu agora vou abrir um ponto de quentinhas e agora graças a Deus eu resolvo tudo falando no zap, comunicando com o povo” (Movimento das Mulheres Camponesas, 2023).

4. Considerações finais

Fica claro, através dessa breve análise, que os saberes tradicionais se materializam no cotidiano dessas mulheres camponesas, seja dentro da própria residência no uso de chás e no processo de se guardar sementes ou na coletividade onde os saberes são passados por meio de receitas sobre os mais variados usos das



plantas medicinais.

É por meio das experiências de vida das mulheres e de seus olhares que o conhecimento se constrói e reconstrói por meio do diálogo de saberes que possibilitam ecoar o protagonismo feminino e suas mais diversas formas de resistência. Os vídeos, a exemplo dos trazidos para esta reflexão, evidenciam estas práticas do feminismo camponês e popular.

Referências

BRAUNER, Maria Claudia Crespo; GOMES, Carolina Belasquem de Oliveira. A agroecologia como instrumento efetivador do desenvolvimento sustentável. **Revista Direito Ambiental e Sociedade**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2020. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/direitoambiental/article/view/8981>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos**. 24 p. Brasília: MDA/SAF/DATER – IICA, 2004.

CARLOMAGNO, Márcio C; ROCHA, Leonardo Caetano da. COMO CRIAR E CLASSIFICAR CATEGORIAS PARA FAZER ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA QUESTÃO METODOLÓGICA. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2016. DOI: 10.5380/recp.v7i1.45771. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CONCEIÇÃO, A. F. da; SCHNEIDER, S. Internet e agricultora familiar: algumas percepções sobre as mudanças no meio rural. Margens – **Revista Interdisciplinar** - Dossiê: Desenvolvimento Territorial no Brasil. V.13. n.20, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/9335>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GOHN, Maria da Gloria. Mulheres – atrizes dos movimentos sociais: relações político- culturais e debate teórico no processo democrático. Política e Sociedade – **Revista de Sociologia Política**. V.6 n.11. SC, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1255/1200>. Acesso : 20 de jun. 2025.

KEMPF, Renata Borges. **Saberes e fazeres de mulheres e quilombolas nas agriculturas: produzindo formas de resistências e existências**. 2022. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Curso de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Paraná, PR, 2022.

MARQUES, F. C; BENVEGNÚ, V. C; ERICE, A. S; CARLI, A. P. As mulheres e as plantas medicinais: reflexões sobre o papel do cuidado e suas implicações. **Retratos de Assentamentos**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 155-182, 2015. DOI: 10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2015.v18i1.186. Disponível em: <https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/186> . Acesso em: 24 jun. 2025



MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS. Camponesas semeando saberes. YouTube. 29 de dezembro de 2023. Lista de reprodução. Disponível em: <https://youtu.be/PBKPFieRRfY?si=9H0xmtoCGaVzHgHz> Acesso em: 25 jun. 2025.

PAULILO, M. I. S. Que feminismo é esse que nasce na horta? **Política e sociedade** - Florianópolis - Vol. 15 - Edição Especial, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p296>

SANTOS, Thais Moura dos; RAMOS, Eraldo da Silva. Guardiãs de sementes crioulas do Alto sertão de Sergipe: mulheres que promovem soberania alimentar. Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia – Vol. 15, N° 3, 2020 Disponível em: [v. 15 n. 3 \(2020\): Anais do III Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia, Recife/PE, Brasil](#) Acesso em: 20 jun. 2025.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. / Emma Siliprandi. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.